

O palimpsesto camoniano

MARIA DE LOURDES CASTRO

e

THEREZA DA CONCEIÇÃO APPARECIDA DOMINGUES

Professoras de Literatura da Universidade Federal de
Juiz de Fora (MG)

1 – INTRODUÇÃO

A busca do “fazer vir à tona não o que é, mas o que significa”¹, dado um *texto legível* e jamais reduzir o texto a um significado, seja ele qual for, numa proposta de manter sua significância sempre em aberto, fêz-nos escolher o texto camoniano, bem a propósito da comemoração do quarto centenário de sua morte.

Sabemos que a obra do poeta sofreu modificações no decorrer do tempo, por imperícia ou até mesmo por zelo excessivo daqueles que a re-editaram; por isso, fomos buscar na edição de 1598 (Edição Princeps) o texto escolhido, que reproduzimos fielmente, apenas atualizando-lhe a ortografia.

O texto camoniano é um soneto lírico-amoroso que conta e canta a história de Jacó e Raquel de que nos fala a Bíblia no *Gênesis XXV a XXX*, assunto também abordado por Petrarca em *Il canzoniere*.

I
PALIMPSESTO

BARTHES O texto [que se analisa] vale por todos os textos da literatura, não porque os representa (os abstrai e iguala) mas porque a própria literatura não é senão um texto: o texto único não é acesso (indutivo) a um Modelo, mas entrada de um riacho com mil entradas. Seguir esta entrada é visar ao longe, não uma estrutura legal de normas de condutas, uma Lei narrativa ou poética, mas uma perspectiva (de fragmentos, de vozes findas de outros textos, de outros códigos), do qual entretanto, o ponto de fuga é sem cessar tresladado, misteriosamente aberto: cada texto (único) é a própria teoria (e não simples exemplo) desta fuga, desta diferença que retorna indefinidamente sem se acomodar.²

Em S/Z Barthes não propõe um modelo de análise textual. Abre um caminho. Tendo percorrido diversas vias de acesso ao texto, sabiamente, não rejeitou nem aceitou apenas uma, com exclusividade. A leitura de S/Z se nos afi afigura como mais um texto, que se incorpora ao texto em análise (texto único) e que nos auxiliará a apreender o seu plural.

BARTHES Não exporemos a crítica de um texto, ou uma crítica deste texto, proporemos a matéria semântica (dividida mas não distribuída) de várias críticas (psicológica, psicanalítica, temática, histórica, estrutural); a cada crítica após (se desejamos remeter-lha) aparecer, de fazer ouvir sua voz, compete, por sua vez, revelar uma das vozes do texto.³

II FADING

Todo texto diz muito, ou como afirmou Gide: "cada texto diz tudo." Porém, o que ele nos diz é, quase sempre velado pela própria crítica que o pretende revelar. O método, o desejo de descobrir um sentido, a ânsia de formular do

texto um modelo acabado, cassa-nos a palavra, tolhe-nos em pleno movimento de voo.

Barthes, crítico-poeta, sentiu essa angústia do texto escrito e do texto-leitor e propõe a corajosa liberdade (anarquia?):

BARTHES O comentário, fundamentado sobre a afirmação do plural, não pode então trabalhar no "respeito" do texto: o texto tutor será sempre partido incessantemente, interrompido sem nenhum escrúpulo em seguir suas divisões naturais (sintáticas, retóricas, anedóticas); o inventário, a explicação e a digressão poderão instalar-se no centro do *suspense*, até separar o verbo e seu suplemento, o nome e seu atributo; o trabalho do comentário, desde que se subtrai a todo ideal de totalidade, consiste, precisamente em maltratar o texto, em cortar-lhe a palavra.⁴

III OS CÓDIGOS

Tentaremos uma análise textual seguindo os caminhos barthesianos. Nosso propósito é produzir uma estruturação móvel do texto, mostrando sua di(s) seminação.

Classificamos os códigos encontrados, segundo a nossa ótica pessoal de leitura. Há outros, e sempre haverá. Porém, o esquecimento de alguns códigos faz parte do ludismo-sabedoria de Roland Barthes. Privilegiamos sete códigos para entrarmos na sabedoria-mítica do *Livro (Bíblia)* da qual o soneto camoniano é um re-fazer.

À medida em que relíamos o soneto, sentíamos que Barthes era também uma escritura que transparecia no texto-tutor de Camões. Por isso, sentimo-nos à vontade para nos apropriarmos de quatro códigos que afloram na significância do texto em estudo: o dos *Personagens (PER)*, o *hermenêutico*

(HERM), o simbólico (SIM) e o referencial (REF). Não os explicaremos aqui porque nada há a dizer depois do que disse Barthes em S/Z.

Além destes quatro, mais três nos pareceram relevantes para nosso estudo: o código mítico (MIT), o código do palimpsesto (PAL) e o código cabalístico (CAB).

Código mítico – Consideramos mítico tudo o que distingue o personagem Jacó como ser privilegiado na história do povo de Israel.

Código do palimpsesto – usamos este nome em sua acepção própria. *Palimpsesto* vem do grego e significa antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, que, devido, à escassez ou alto preço, era utilizado duas ou três vezes, mediante a raspagem do texto anterior. Era um manuscrito sob cujo texto se descobria, mesmo com olho desarmado, a escrita ou escritas anteriores.

Código cabalístico – a significação parcial e a grandeza do soneto camoniano está prenhe da sabedoria da cabala, em que os números apontam sempre para alguma verdade transcendental.

As leixas, divididas arbitrariamente, com mais de um código a desenvolver-las é um fazer barthesiano, que nos liberta de qualquer pre-conceito a esclarecer.

Repetimos que nenhum texto é inesgotável. Nenhuma leitura é definitiva. Não estamos preocupados com o sentido do texto e, sim, com o seu plural.

SONETO XXIII⁵

*Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi [m] negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.*

2 – ANÁLISE DAS LEXIAS

(1) *Soneto XXIII*

Segundo o próprio Barthes, a questão do título ainda não foi bem estruturada. Contudo, não se deve esquecer a importância que sempre se deve dar a ele. Em geral, tem uma função fática atraindo o leitor; não raro, pode se atribuir-lhe uma função comercial (o texto como mercadoria) ou ainda a enunciativa e a dêitica.* No texto camoniano não há propriamente um título pois em se tratando de soneto quinhentista, não era comum tal procedimento (REF. literatura-Doxa do tempo).** Todavia sem ser um título, o fato de ser uma composição poética explicitada pela forma Soneto nos envia a uma natural indagação, inscrita na nossa doxa, de tal modo arraigada a expressão soneto/poema de amor: a quem é dedicado? ou o que Canta?*** Neste instante, instala-se um pequeno enigma (HERM. colocação enigma. 1)**** A sua resposta será o próprio poema. Neste sentido contém a palavra *soneto* uma função aperitiva que nos leva a transpor um estado natural para um outro mais elevado pois, falar de amor é sentirmo-nos tocados de alguma forma. Há sempre um comprometimento emocional. Barthes diz ser um termo do código narrativo (retórica da narração) à qual poderemos aliar também uma certa via emocional.***** É bem verdade que o soneto tem como assunto por excelência o lírico amoroso, podendo, entretanto comportar outros temas como humorísticos, satíricos, didáticos etc. (REF: Código literário.)***** Soneto etimologicamente *soneto*, diminutivo de *som* o que denota uma aliança original com a música: era a letra de uma pequena melodia nascida de uma canção popular (estrambote) (REF: Código literário) e isto implicaria numa análise dos elementos do verso ou sejam as estruturas rítmica, métrica, estrófica e sônica de que nos ocuparemos no decorrer da análise das lexias.***** O soneto XXIII é pois a pequena canção do amor de Jacó a Raquel e capta toda a dramaticidade que comporta toda estória de um grande amor. Nos dois quartetos vemos o início e o desenvolvimento da expectativa; no primeiro terceto tal expectativa se liga à marcha para uma solução que se sente aproximar, partindo de um retardamento para o desfecho no último terceto, que proporciona uma verdadeira surpresa pelo inesperado.

(2) *Sete anos (de pastor Jacó servia a Labão)*

Entrando agora no campo simbólico, podemos recolher da composição poética sua estrutura: o significado do número 7, 14 versos (múltiplo de 7 assim distribuídos: $4 + 4 + 3 + 3 = 14$ versos e tal representação pode ser simplificada adotando-se o esquema: $4 + 3 = 7$). O número 7 terá no decorrer dessa narrativa lírica uma forte correlação com o código mítico na sua via cabalística.* Tal verso remete-nos ao Livro Sagrado no *Gênesis XXIX*, 18 a 23 onde se lê o pacto de Jacó com Labão para obter Raquel, sua filha mais nova. (Palimpsesto) Sete anos, não 3, não 5, mas 7 anos deveria Jacó servir a Labão. O número 7 (Mítico – via cabalística) tem uma estreita relação com toda a narrativa lírica não só na sua simbologia como também no tocante ao tempo marca-

do Cronologia do ciclo que Jacó terá que percorrer, fechar e finalmente recomençar um novo já no final do soneto.** O número sete simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica. Cada período lunar dura sete dias e os quatro períodos do ciclo lunar (7 x 4) fecham o ciclo. Philon observa que a soma dos sete primeiros números (1+2+3+4+5+6+7) chega ao total 28.*** O sete é o número sagrado. Caracteriza a perfeição. Sete são os dias da semana, os sete planetas, os sete degraus da perfeição. Aparecem nas tradições e lendas gregas as sete portas de Tebas, as sete cordas da lira etc.**** São sete as cores do arco-íris que juntamente com as notas musicais revelam o setenário como regulador das vibrações. Hipócrates disse: o número sete por suas virtudes ocultas afirma dentro do ser todas as coisas, dispensa vida e movimento; ele influencia até os seres celestes.⁶ O sete simboliza a totalidade do espaço e do tempo. O setenário (espaço de sete dias ou sete anos) resume a totalidade da vida moral adicionando-se às três virtudes teológicas fé, esperança e caridade as quatro virtudes cardinais: a prudência, a temperança, a justiça e a força. O sete comporta angústia e ansiedade porque indica a passagem do conhecido ao não conhecido. Um ciclo é concluído, qual será o seguinte? Findos os sete anos, Jacó, ludibriado pela astúcia (cautela) de Labão deverá começar a servir mais sete anos para (quem sabe?) possuir Raquel. Jacó acreditava, esperava, trabalhava, teve prudência ao propor os sete anos de serviços, não querendo Raquel a não ser usando de sua força interior (amor) e física (como pastor), merecendo-a como prêmio. — O número sete é frequentemente empregado na Bíblia (Código CAB.): candelabro com sete braços; sete espíritos repousam sobre a estufa de Jessé, sete céus onde habitam as ordens angélicas; Salomão construiu o templo em sete anos. Sete é usado setenta e sete vezes no A.T. O sete possui um poder nele mesmo; é um número mágico.***** “Sete anos” dá um efeito de realidade, o número conota a verdade do acontecimento.***** “Anos” simboliza a medida de um processo cíclico completo. Ele comporta suas fases ascendentes e descendentes evolutivas e involutivas, as estações e anuncia um retorno periódico do mesmo ciclo. É um micro-ciclo cósmico.

(3) de pastor Jacó servia

Na terceira lexia, temos a denominação do personagem principal: Jacó. Novo enigma se nos apresenta: quem é Jacó? (HER. Enigma 2).* Este enigma só terá solução se a buscarmos no que denominamos de código PALIMPSESTO: ou seja, a presença inquestionável de outros textos no texto camoniano, como vimos no parágrafo III.** Assim, para obter a resposta desse enigma temos que nos reportar à Bíblia. (PAL *Gênesis*, 25 a 29): e passamos para um terceiro código que se entrelaça aos dois anteriores: o dos PERSONAGENS: Jacó, pela genealogia bíblica, é irmão de Esaú do qual usurpa as bênçãos de primogênito. Com Abraão e Isaac é um dos três patriarcas do Antigo Testamento. (PERS. Jacó-patriarca).*** A etimologia desse nome é incerta, mas significativa: há duas origens prováveis para explicá-la. Segundo as duas vertentes hebraicas, Jacó pode vir de *àqèb* = calcanhar ou de *àquab* = enganar.

A primeira, referindo-se ao fato de haver vencido seu irmão em luta, segurando-o pelo calcanhar e a segunda, indicaria o fato de haver enganado o pai para conseguir as bênçãos de primogênito. (REF: etimologia).⁷

Se o segundo enigma é parcialmente desvelado pelo código do palimpsesto, será este, todavia que empurrará para o texto um terceiro enigma: por que Jacó, sendo livre, *serve*? (HERM: enigma 3).**** A questão é bastante precedente se atentamos para o significante: *servir*: servir < servo do latim *servu*. Escravo em sentidos próprio e figurado. (REF: etimologia).⁸ Na lexia seis, encontraremos uma resposta parcial para este enigma.

“De pastor Jacó servia”. No contexto social, geográfico e histórico em que se situa a história de Jacó, ser pastor era dos encargos mais pesados. Num terra árida e pobre, era obrigação do pastor procurar pastos e bebedouros para suas reses. Além desta tarefa, tinha que defender o rebanho dos animais de rapina e dos ladrões.⁷ (REF: doxa: serviço de pastor).**** A dedicação do pastor a seu rebanho era tão absorvente e contínua que se converteu em figura da providência divina (REF: código religioso).

O senhor é o meu pastor, nada me faltará: Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas mui quietas.

Refrigerava a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor de seu nome.

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum porque tu estás comigo; (PALIMP: Salmo 23 - 1 a 4).

(4) *Labão*

Aparece no texto o segundo personagem: Labão. De Labão, a genealogia bíblica nos diz que era filho de Betuel, irmão de Rebeca (mãe de Jacó), e, portanto, tio de Jacó que o servia (PERS – relação de parentesco). Vemos novamente a presença do enigma 3. (HERM. Enigma 3.)

(5) *pai de Raquel, serrana bela*

Nesta lexia, aparece alguns semas ligados ao personagem Labão “pai de Raquel”, chamada, no texto de “serrana”, donde se conclui que Labão habitava, com a família, regiões montanhosas (REF – localização espacial).* Raquel, sendo filha de Labão, é, por sua vez, prima de Jacó (PERS – relações de parentesco).** O texto camoniano, parco de adjetivos, a denomina “bela” (PERS: sema beleza).*** Na etimologia de seu nome (do hebraico *rā bēl ove-lha*), vem inscrito o simbolismo que a une a Jacó: Jacó, pai da raça judia, terá seu nome mudado para Israel (PALIMP: *Gênesis: 35, 10*). A ovelha simboliza, antes de tudo, o israelita, membro do rebanho de Deus. A preferência de Jacó por Raquel, já pertence, portanto, ao código mítico; serão ambos, o pastor e a ovelha, os fundadores da raça eleita. (MIT. pre-destinação do povo de Israel).

(6) *Mas não servia ao pai, servia a ela*

Temos nesta lexia, a revelação parcial do terceiro enigma: Jacó servia por amor, era escravo por escolha. (HERM. revelação enigma 3).^{*} Em S/Z, Barthes encontrou três vias de acesso ao código simbólico: a da castração, a via retórica e a via econômica. Nesta primeira entrada ao código simbólico, temos o cruzamento da via econômica com a via retórica ao nos dizer que Jacó servia a Raquel e não a seu pai, há uma metonímia presente. “Este termo pode ser puramente retórico, se se trata de anunciar” algo no nível do discurso mas se há a manipulação da história, trata-se de uma metonímia literal.¹⁰ (SIM, via retórica metonímia). Jacó tomava a servidão real a Labão como servidão simbólica a Raquel. A servidão econômica aparecia-lhe somente como servidão amorosa, gerando, portanto, a metonímia literal que expressa a conjugação das duas vias (SIM: via econômica e via retórica).^{*} Sob o ponto de vista das ações da narrativa lírica *servia* (C. Ações – sema temporal) está no pretérito imperfeito do indicativo que possui como valor fundamental designar um fato passado mas não concluído (im-perfeito, não perfeito, inacabado). Encerra pois, uma idéia de continuidade de duração do processo verbal. Faz ver de modo sucessivo os diversos momentos da ação: é como um presente no passado. Denota no texto camoniano uma ação passada e repetida do imperfeito freqüentativo) “Jacó *servia* a Labão”; “Mas não *servia* ao pai”; *Servia* a ela. Repetição dos semas verbais que em si mesmos contêm a denotação repetitiva. Observamos que o próprio canto é uma grande ação passada e repetida na medida em que expressa um fato inacabado, em contínua realização na linha do passado para o presente. Por conseguinte, a narrativa lírica é centrada principalmente no pretérito imperfeito. (Semas indicativos de tempo).

(7) *E a ela só por prêmio pretendia*

Nesta lexia, desvela-se totalmente o terceiro enigma. Jacó servia, como escravo, porque seu pagamento seria a própria Raquel. (HERM: revelação. Enigma 3)^{*} Nesta lexia fica evidente que Jacó amava Raquel. A grandeza desse amor é o próprio soneto: Jacó, de motu próprio, serve ao próprio tio, durante sete anos, cumprindo a árdua tarefa de pastor para obter como prêmio sua união com a sua eleita (REF – psicologia amorosa).^{**} Aqui, o código simbólico apresenta o cruzamento da via econômica com a via da castração, considerando as oposições alienação/posse e castrado/não castrado, vemos enfatizado o fato de Raquel, objeto do desejo de Jacó lhe ser negada durante sete anos e que o tio (Labão) utiliza o desejo de Jacó para uma exploração econômica (SIM. via econômica e via da castração).^{***} Entre Jacó e o objeto de seu desejo – Raquel, há a interferência da lei do Pai (Labão). (SIM. via da castração).^{****} Pretendia (sema verbal desejo), Jacó aspirava obter Raquel. Pretender significa um desejo latente de posse física ou/e uma ambição de poder. A via econômica também se encontra em Jacó pois do casamento com Raquel levaria também o dote: dinheiro e poder como era o costume da época. (REF. Doxa: costumes matrimoniais) O homem pretender a mão de uma mulher

simboliza uma possessão ou uma afirmação de poder: a mão, dada em casamento, distingue aquele que ela representa, seja no exercício de suas funções, seja numa situação nova. (SIM. — via retórica.)

(8) *Os dias, na esperança de um só dia, passava*

O tempo é uma constante no canto camoniano, o tempo do encontro (início).

- O tempo da pretensão (desejo de posse e/ou ambição);
- o tempo de servir (servidão amorosa)
- o tempo da espera (da satisfação)
- o tempo do logro (Lia por Raquel)
- o tempo do recomeço (mais sete anos para servir)
- o tempo de uma nova espera (servidão)
- o tempo eterno (servir sempre por amor)

O tempo representa tanto na língua, como na percepção um limite na duração e uma distinção com o tempo infinito. O tempo humano é finito e o divino ilimitado. Um é o século o outro a eternidade. Não existe pois, entre eles uma medida possível.* Na narrativa-lírica camoniana vemos claramente, através dos nomes e dos verbos o próprio tempo da história: “sete anos”; “os dias”; “um só dia”; “longos anos” “curta vida” “servia” “passava”, contando esses semas indicativos de tempo (RFF. Código Cronológico) e um ciclo que vai fechar para que outro se inicie.** Jacó passava os dias na esperança de um só dia isto é, os sete anos corriam sem que ele os percebesse, ansiando pelo dia em que tomaria Raquel como esposa.*** Recorrendo à Bíblia, vemos que há também uma coincidência de expressão. “Os sete anos pareciam-lhe” sete dias (Palimpsesto — *Gênesis XXIX, 20*).**** “Dia” é a sucessão regular: nascimento, plenitude e declínio da vida como vimos. Neste sentido os dias vividos por Jacó são prenúncios simbólicos do que aconteceria a ele e o declínio é a própria posição de Labão, negando-lhe Raquel, quer dizer, dentro de cada novo dia que se iniciava acontecia o micro-ciclo dentro do grande ciclo (sete anos).***** Essa etapa Jacó conseguiu passar (ascensão espiritual) mas na esperança (sema indicativo do amor também físico, sensual que nutria por Raquel). Aqui, há um entrecruzar do Sagrado com o profano; do espiritual com o sensual que Camões com “engenho e arte” (REF: literatura) deixa que a poesia aflore porquanto poesia é humanidade, é também a exigência de carne e osso.***** “Esperança”, (do latim “sperantia” do v. sperare) é o ato de esperar o que se deseja; é ter fé, confiança no que se deseja; ter esperança é contar com a realização de (coisa desejada ou prometida) (REF. — etimologia). Há um desejo na espera***** “Passava” (levar tempo) Sema verbal indicativo de ação continuada própria do pretérito imperfeito, como já vimos em servir.

(9) *Contentando-se com vê-la*

Raquel domina o tempo. Desafia o perigo da corrosão do amor. Sua presença irradia (SEM. fascinação). A irradiação é uma ação à distância, a forma superior do poder.”¹¹ Raquel de tal maneira fascina Jacó, que chega a exercer sobre ele uma espécie de tirania amorosa. Jacó contenta-se com vê-la; para ele, o numen de Raquel “decreta a vida, a morte, a tempestade, a paz”.¹² Tal como em *Sarrasine*, Mme de Lanty e Bouchardon retêm Sarrasine longe da sexualidade (REF. A literatura *Sarracine*), assim neste texto, Raquel e Labão estão no mesmo campo. Raquel é a mulher castradora. “O campo simbólico não é o dos sexos biológicos; é o da castração: do castrador/castrado, do ativo/passivo”.¹³ (SIM. via castração)* O nome verbal contentando-se é agora uma forma nominal, o gerúndio que não pode exprimir, por si só, nem o tempo nem o modo, dependendo quase sempre de sua colocação na frase (REF. Código Gramatical). O aspecto inacabado do gerúndio permite-lhe exprimir a idéia de progressão indefinida. M.D. Magno assim se expressa a respeito do gerúndio:

MAGNO Forma-Verbo-nominal do modo infinitivo em Português. Substantivo Verbal, tirado do latim, e que em Portugal se rege por um percursor em: movendo, mantendo, sendo aquele rio (ou a terceira margem dele) aonde a sombra de Heráclito só se molha uma vez (de cada vez): morrendo.
... Gerúndio, fluxo, rio, fluindo, sendo, estando e cujo fragor vociferante é Carne e Verbo se gozando: morrendo.¹⁴

Contentar é tornar contente, dar prazer, satisfação a, traz uma conotação sensual. Jacó satisfazia-se a si mesmo, entrando numa fruição (Ref. psicologia amorosa) que lhe permitia passar tanto tempo, apenas vendo a amada. Mas o que ocorre é que se nos apresenta um morfema dilatatório: engodo¹⁵ pois, na verdade Jacó passou sete anos, contentando-se com vê-la, para depois não possuí-la (HERM: engodo).

(10) *Porém, o pai, usando de cautela*

No código hermenêutico, surge um retardamento, prenunciado pelo advérbio porém (HERM. retardamento). * Há um provérbio popular que diz “há sempre um porém. . .” (REF. código gnômico). ** O pai, Labão, aparece novamente como a personificação da lei, da castração (SIM. eixo da castração*** Usando de cautela. Por que cautela? Porque Labão, “o arameu”, como chefe de tribo que era, necessitava de homens de confiança a seu lado, para o ajudarem a levar a bom termo a sua tarefa. (SEM-prudência). Sabendo ele que, ao dar Raquel a Jacó, arriscava-se a ficar sem tão precioso auxiliar pois este retornaria à sua terra, levando a esposa, resolve usar de cautela (SEM. en-

ganar)**** Na sabedoria popular, há um provérbio que nos diz “cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém” (REF: código gnômico).

(11) *Em lugar de Raquel, lhe dava Lia.*

No código hermenêutico, temos, evidentemente, um logro. Labão, cauteloso, dá a Jacó um prêmio provisório: Lia (HER – morfema delatório: logro)* Entra aqui o 4º personagem do conto: Lia. Seu papel é o de tomar o lugar de Raquel, como esposa de Jacó. É uma metonímia real, pois se passa no plano da história (STM. Via retórica).** Pelo código do palimpsesto, sabemos que Labão nega Raquel a Jacó, para tê-lo por mais tempo trabalhando em sua companhia (Cf. lexia 10) (SIM-Via econômica).*** É importante, aqui, apresentarmos mais de perto, essa 4ª personagem: Lia era a primogênita de Labão, irmã de Raquel e, portanto, também ela, prima de Jacó. (PAL. via bíblica. *Gênesis, 29*)**** Etimologicamente seu nome significa vaca. Vem do hebraico *le'* a (REF: etimologia).***** Na simbologia universal, a vaca – produtora de leite – é o arquétipo da mãe fértil.***** O cruzamento desses códigos aponta para o lugar de Lia no código mítico: Sua missão junto a Jacó será a de propiciar-lhe uma descendência fértil. Jacó, o Patriarca, pai das doze tribos de Israel, une-se, mesmo contra sua vontade à Lia (Código mítico: fertilidade de Jacó).***** A Lia caberá a benção da fertilidade (PAL. *Gênesis 29, 31*:

Mas o Senhor, vendo que ele [Jacó] desprezava Lia, tornou-a fecunda, permanecendo estéril a irmã).¹⁶

Lia, como substantivo feminino, vem do francês *lie* e significa borra, sedimento dos líquidos. Em sentido figurado, a escória. Um poeta brasileiro escreveu os seguintes versos

*Já mil vezes provei, e de joelho a lia
Do cálix da amargura e da melancolia
(REF. código literário. Martins Fontes.
Poesias v.v., p. 113).¹⁷*

IV CASTRACÃO

Labão, em todos os sentidos, representa a Lei, o pai, a sociedade. No texto bíblico a interdição da conjunção carnal dos amantes durante sete anos: atinge a própria fertilidade do casal: Raquel espera muitos anos a graça de conceber um filho de Jacó e morre de parto do segundo. Jacó, fecundo com Lia e com duas escravas, não consegue filhos com a amada, o que perturba muito o relacionamento de ambos. (PALIMP).

No texto camonianiano, a castração é colocada em termos amorosos: “*os dias na esperança de um só dia, / passava, contentando-se com vê-la.*” E a castração aceita, não só com resignação mas até com certa alegria: *mais servira, se não fora / para tãõ longo amor tãõ curta a vida.*

Comparativamente, portanto, verificamos que a via artística impõe ao amor a não-realização como condição de grandeza e eternidade.

(12) *Vendo o triste pastor que com enganos*

Triste – segundo adjetivo do texto. (REF – via retórica).* enganos – (SEMA – cautela).

(13) *lhe fora assim negada a sua pastora*

Assim – palavra vicária. (SEMA – enganos); negada há aqui, no campo simbólico, a consumação da castração. Labão, o pai (a lei), afasta Jacó do objeto de seu desejo (SIM – eixo da castração).* Notamos a força do desejo de Jacó – embora sem possuí-la, Jacó já considerava Raquel como sua: a “sua” pastora (REF – psicologia amorosa).** Nesta lexia, vemos novo sema juntar-se à caracterização de Raquel: a amada de Jacó tinha o encargo de pastora. Com uma palavra, Camões faz evocar o primeiro encontro de Jacó e Raquel (PALI – Gênesis 29,9: [. . .] *e eis que Raquel chegava com as ovelhas de seu pai, porque ela pastoreava o rebanho*).*** Raquel = ovelha (REF – etimologia) do pastor Jacó, era, ao mesmo tempo, a pastora de seus amores (REF – psicologia amorosa).**** A partir do primeiro terceto, isto é, a partir do logro (HERM. logro) encontramos os semas verbais indicativos de uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada; pretérito mais que perfeito.

VI BARTHES No Ocidente cristão, até hoje todà a força passa pelo Intérprete, como tipo (em termos nietzchianos, o Patriarca judaico). Mas a força apaixonada não pode deslocar-se, colocar-se entre as mãos de um Intérprete; ela ali se queda, com a mesma linguagem, encantada, intratável. O tipo, aqui, não é o Patriarca, é o Apaixonado.¹⁸

PATRIARCA APAIXONADO

(14) *como se a não tivera merecida*

Nessa lexia, em que o poeta magistralmente faz uma longa pausa, prolongando a expectativa do leitor, Jacó revê o longo percurso de sete anos que dedicou a sonhar com a amada. Sete anos que lhe pareciam dias, na esperança *deste* dia. Mas que agora lhe parecem séculos vazios. É momento de decisão: desistir? lutar? revoltar-se? (HERM: resposta suspensa).

V O RÍTIMO

Referimo-nos ao soneto como “canto pequeno” e isso implica em uma análise dos elementos do verso – sua estrutura rítmica, métrica, estrófica e sônica.

Observamos o encadeamento dos 8 versos dos quartetos. Nos dois tercetos, entretanto, não há encadeamento. Os versos têm que ser emitidos linha a

linha, como que a marcar a situação angustiosa que se apresenta a Jacó. No fim do 1º terceto que é, como vimos na lexia 14, o momento crucial da história, a pausa é bastante acentuada.

Não precisamos dizer que os versos são decassílabos heróicos, de rimas opostas (abba/abba) nos quartetos e entrecruzadas (cde/cde) nos tercetos.

(15) *Começa de servir outros sete anos*

Ao logro, Jacó responde inesperadamente com um ato de sublimação: recomeçar um novo ciclo em busca do amor de sua pastora.

Na tensão dialética formada pelo amor obstinado de Jacó e a “cautela” de Labão percebe-se o conflito (REF: código psicológico) de difícil solução. Jacó encontra-se diante de uma situação sem saída, ou melhor, cuja saída será um ato de grandeza como só cabe aos “predestinados” fazer-se livre, tornando-se escravo, por escolha, por opção. Então, o amor recomeça seu percurso atravessando novos caminhos, Camões surpreendeu uma situação universal e permanente um conflito profundo. 1º) não é apenas por Raquel que Jacó servia, era por ele mesmo, para que pudesse provar a grandeza de seu amor, que teria que ser maior que sua própria vontade. 2º) o amor X a cautela, também corresponde a um conflito ético que talvez jamais desapareça enquanto houver homem sobre a terra. Como tal, a narrativa lírica é a plasmação do que existiu e existe no mundo (REF. psicologia amorosa).* Referindo-nos no início da análise das lexias a uma certa via Petrarquiana, onde Camões talvez tivesse ido buscar sua inspiração: (REF. literatura)** Na verdade, se de fato houve a imitação, esta não terá sido da Canção (e não Soneto como querem alguns teóricos) de Petrarca, mas talvez apenas de forma fixa do Soneto petrarquiano. Há uma nítida diferença entre a colocação do tema bíblico em Petrarca e Camões.*** Dotados ambos de sensibilidade, cultura, mundanismo, elegância, cada um capta uma situação de interesse psicológico novo.**** Apesar de haver uma influência de filosofia platônica em ambos, tal influência não impede que usem de sensualismo um pouco diferente da estereotipia do estilo novo e prelúdio da sensibilidade moderna (REF. literatura).***** Nenhum homem é justo e nenhuma mulher é bela senão por participação das idéias de justiça e beleza, somos participantes da idéia de Homem plenamente realizada na esfera inteligível (REF. Filosofia)***** Assim nos fala Hernâni Cidade:

Os poetas como Petrarca ou como quanto fossem, através destes herdeiros da tradição provençalesca, que à mulher erguia um culto quase divinizador, compreende-se procurassem em filosofia de tão alto espiritualismo, o maior embelezamento literário e dignificação intelectual da poesia.¹⁹

Mais adiante:

*Não nos iludamos contudo, sobre a realidade contemporânea deste espiritualismo literário. Se ele exprime, em geral os sonhos mais altos da alma, também se integra na mentira convencional imposta pela zelosa defesa das disciplinas da tradição católica mais do que nunca severas.*²⁰

Na canção CCVI do Canzoniere de Petrarca, encontramos nos versos

*Per Rachel ho servito e non per Lia
Ne con altra soffrer
Viver, a sosterrei,
Quando 'l ciel ne rappela,
Guimen con ella – in sul carro de Elia.*²¹

o conflito entre o Petrarca – cristão que deseja o céu e o Petrarca-poeta que não sabe sair da terra sem sua amada.

Camões afasta-se do texto petrarquiano, quando faz Jacó aceitar as condições de Labão e recomeçar novo ciclo, que se inicia no primeiro verso do soneto, estabelecendo-se uma espécie de ciclo vicioso. Assim, no texto camoniano desaparece a diferença entre o primeiro verso e o último, como se tudo girasse num movimento circular.

(16) *Dizendo: mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta vida.*

BARTHES Há duas afirmações do amor. Primeiro, e logo que o apaixonado encontra o outro, há uma afirmação imediata (psicologicamente: deslumbramento, entusiasmo, exaltação, projeção louca de um futuro pleno: ser devorado pelo desejo, a impulsão de ser feliz) digo que *sim* a tudo (cegando-me). Segue-se um longo túnel: o meu primeiro *sim* está atormentado por dúvidas, o valor do amor está permanentemente ameaçado de depreciação: é o momento da paixão triste, ascensão do ressentimento e da oblação. Deste túnel posso, no entanto, sair; posso “ultrapassar”, sem liquidar; posso novamente afirmar o que já afirmei uma vez, sem o repetir, pois agora o que afirmo é a afirmação não a sua contingência: afirmo o primeiro encontro na sua diferença, quero o seu regresso, não a sua repetição. Digo ao outro (velho ou novo) Recomeçemos.²²

“Dizendo”(–se, a si mesmo), vencendo o desafio do tempo e do amor, pela perseverança, força de vontade, amor próprio, capaz de fazê-lo servir não só os sete anos que lhe foram impostos por Labão mas por todos os dias da vida se isto fosse necessário.

3 – CONCLUSÃO

No texto camoniano se cruzam as diversas vozes que o geraram. Tentamos ressaltar as duas principais: a Bíblia e a canção petrarquiana.

Camões, o grande amoroso, aqueceu este texto com seu corpo sensual e palavras cálidas. Camões, o tecelão de mitos, fiou este texto com mãos hábeis e palavras – semas.

Nossa grande pre-ocupação foi a de seguir de perto, com muito cuidado, e “com” Barthes a significância do texto, tentando olhar na mesma direção que o texto. Por isso, não desejando falar “sobre” mas “com” o texto camoniano.

NOTAS

¹ BARTHES, R. [1972] p. 28

² BARTHES, R. [1970] p. 18 e 19.

³ *Ibidem*, p. 21

⁴ *Ibidem*, p. 21

⁵ XXVIII – conservamos a grafia da *Edição Princeps*. Modernamente – XXIV.

⁶ CHEVALIER, J. et GHEERBRANT, A. [1973]. O número sete.

⁷ ANSEJO, S. [1964] p. 927.

⁸ NASCENTES, A. [1966] p. 685 & MACHADO, J.P. [s/d] p. 1980

⁹ ANSEJO, S. [1964] p. 1463

¹⁰ BARTHES, R. [1970] p. 28

¹¹ *Ibidem* p. 43.

¹² *Ibidem*,

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ MAGNO, M.D. [1977] p. 158/159

¹⁵ BARTHES, R. [1970] *passim*

¹⁶ É notável que, em algumas traduções conste “Vendo pois o Senhor que Lia era abortiva, abriu a sua madre, porém Raquel era estéril” (BÍBLIA SAGRADA).

¹⁷ *Apud*. BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. [1975] p. 834 c e BURTIN-VINHOLES, S. [1967] p. 377

- ¹⁸ BARTHES, R. [s.d.] p. 31
- ¹⁹ CIDADE, H. [1936] p. 155
- ²⁰ CIDADE, H. [1936] p. 156
- ²¹ PETRARCA, F. [1925] p. 367
- ²² BARTHES, R. [s.d.] p. 31

BIBLIOGRAFIA

- ¹ ASECIO, Felix y otros. *La sagrada escritura*. Madrid, 1967. v. 1.
- ² ANSEJO, Serafin. *Diccionario de la biblia*. Barcelona, Herder, 1964.
- ³ AZEVEDO FILHO, L.A. *O cânone lírico de Camões*. Rio de Janeiro, Novacultura, 1976. 43 p.
- ⁴ BARTHES, Roland. *Alors la chine?* Paris, Cristian Bourgois, 1975. 14 p.
- ⁵ ——— Análise textual de um conto de Edgar Poe. In: ——— et alii. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 37-62.
- ⁶ ——— *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1980, 89 p.
- ⁷ ——— *Barthes por Roland Barthes*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- ⁸ ——— Do ato da fala ao ato da escrita. *Tempo Brasileiro*. 41 :3-7. Rio de Janeiro, abril-junho, 1975.
- ⁹ ——— *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa.
- ¹⁰ ——— La lutte avec l'ange. In: ——— et alii, *Analyse structurale et exégèse biblique*. Paris, Delachaux et Niestté, 1972.
- ¹¹ ——— *Le plaisir du texte*, Paris, Seuil, 1973.
- ¹² ——— *Masculino, feminino, neutro*. (Ensaio de semiótica narrativa). Porto Alegre, Edit. Globo, 1976. p. 3-17.
- ¹³ ——— *Mythologies*. Paris, du Seuil. 1957. 247 p.
- ¹⁴ S/Z. Paris, du Seuil, 1970. 287p.
- ¹⁵ Bíblia Sagrada. São Paulo, Ave Maria, 1978. 1600 p.
- ¹⁶ Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica Unida [s/d] 1 :123p.
- ¹⁷ BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

- ¹⁸ BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário Francês-Português/Português-Francês*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- ¹⁹ CAMÕES, Luís de. *Rimas*. Lisboa, 1598,
- ²⁰ CIDADE, Hernani. *Luís de Camões, o lírico*, Lisboa, 1598, por Pedro Craesbeeck.
- ²¹ CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Padrão, 1980.
- ²² CHEVALIER, J. et GHEERBRANDT, A. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Leghers, 1973, 4v.
- ²³ CIRLOT, Juan — Eduardo. *Diccionario de símbolos*. Barcelona, Labor, 1969. 495 p.
- ²⁴ FLORA, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. Itália, 1950. v.1.
- ²⁵ FUSCO, Enrico M. *Storia del generi letterari italiano*. Milão, Dottor Francesco Valardi, 1950. v.1.
- ²⁶ MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Confluência. [s/d] 2v.
- ²⁷ MAGNO, M. D. Senso contra censo. *Lugar 9*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.
- ²⁸ NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro, INL. 1966.
- ²⁹ PEREIRA FILHO, Emanuel. *As rimas de Camões*. Rio de Janeiro, Aguillar / INL, 1974.
- ³⁰ PETRARCA, Francesco. *Il canzoniere*. Milano, Ulrico Hoepli, 1925.
- ³¹ SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1966.